


Cidade Universitária e Estudantificação: um estudo a partir de Dourados, Mato Grosso do Sul


College Town and Studentification: a study about Dourados, Mato Grosso do Sul

Ciudad Universitaria y Estudiantización: un estudio desde Dourados, Mato Grosso do Sul

Matheus Guimarães Lima¹

 <https://orcid.org/0000-0001-7559-5369>

Nécio Turra Neto²

 <https://orcid.org/0000-0002-7762-3893>

RESUMO: Diferentemente de outros processos como, por exemplo, a segregação e a fragmentação socioespaciais e a gentrificação, a estudantificação não tem sido muito abordada na geografia urbana brasileira. Dessa maneira, partindo metodologicamente de pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo e entrevistas, o objetivo do presente artigo é contribuir com a popularização do tema, apresentando alguns marcos teóricos sobre a estudantificação, enquanto um processo espacial, que produz uma área da cidade, bem como trazer alguns dos critérios que permitem qualificar uma cidade como cidade universitária. A pesquisa tem como recorte espacial Dourados, uma cidade média no interior do estado de Mato Grosso do Sul, que conta com a grande presença de instituições de ensino superior (IES) e de jovens estudantes. Nessa cidade foi organizado um segmento do mercado imobiliário, serviços, comércio e toda uma economia da vida noturna voltada a este público. Por meio do presente estudo foi possível concluir que a cidade de Dourados pode ser qualificada como uma cidade universitária e um dos traços dessa qualificação é o fato de possuir uma área estudantificada, com todos os seus conteúdos característicos, que demarcam uma diferença em relação ao conjunto da cidade.

PALAVRAS-CHAVES: cidade média; estudantes universitários; lazer noturno; moradia.

ABSTRACT: *Unlike other urban processes, like socio-spatial fragmentation, socio-spatial segregation, and gentrification, Brazilian urban geography studies have not addressed studentification much attention. In this way, based on bibliographical research, field research, and interviews, this article aims to contribute to the popularization of that subject, presenting a theoretical framework on studentification, as a spatial process, that produces an area of the city, as well as bringing some criteria that can provide*

¹ Doutorando em Geografia - Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. E-mail: mgl.geopp@gmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Presidente Prudente. Professor Assistente do Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Presidente Prudente. E-mail: necio.turra@unesp.br.

to qualify a city as a college town. The research has a spatial focus on the city of Dourados, a middle city in the state of Mato Grosso do Sul - Brazil, which has the presence of some higher education institutions (HEIs) and young college students. Thus, in Dourados, a segment of the real estate market, services, commerce, and an entire nightlife economy have been established a few decades ago. Through this study, it was possible to conclude that the city of Dourados can be qualified as a college town, because it has a studentified area, with all marks which make it different from and into the rest of the city.

KEYWORDS: *middle city; college students; night-time leisure; housing.*

RESUMEN: *A diferencia de otros procesos como, por ejemplo, la segregación y fragmentación y socioespaciales y la gentrificación, la estudiantización no ha sido muy abordada en la geografía urbana brasileña. De esta manera, basado metodológicamente en investigaciones bibliográficas, investigaciones de campo y entrevistas, el objetivo de este artículo es contribuir con la popularización del tema, presentando algunos marcos teóricos sobre la estudiantización, como un proceso espacial, que produce un área de la ciudad, así como traer algunos de los criterios que permiten clasificar una ciudad como ciudad universitaria. El foco espacial de la investigación es la ciudad de Dourados, una ciudad intermedia en el interior del estado de Mato Grosso do Sul, que tiene una gran presencia de instituciones de educación superior (IES) y de jóvenes estudiantes. En esta ciudad se organizó un segmento del mercado inmobiliario, de servicios, de comercio y toda una economía de vida nocturna dirigida a este público. A través del presente estudio se pudo concluir que la ciudad de Dourados puede ser calificada como ciudad universitaria y una de las características de esta calificación es el hecho de que tiene un área estudiantizada, con todos sus contenidos característicos, que marcan una diferencia en relación con el conjunto de la ciudad.*

PALABRAS-CLAVE: *ciudad intermedia; estudiantes universitarios; ocio nocturno; viviendas.*

INTRODUÇÃO

No Brasil, em consonância com a expansão urbana ocorrida desde meados do século XX, quando o país se consolidou, de forma latente, como um país urbano, a Geografia urbana brasileira tem buscado acompanhar e explicar os diversos processos socioespaciais, desde a favelização, a verticalização, a suburbanização, passando pela segregação e fragmentação socioespaciais, a gentrificação etc. (Corrêa, 2004; Limonad, 2007; Santos, 1985; Sposito, 2010). Entretanto, observa-se mais recentemente, a partir do início do século XXI, em concomitância com a expansão da oferta de Educação Superior no país, a emergência de um novo processo de estruturação do espaço urbano, ou uma parcela dele, em algumas cidades brasileiras. Trata-se do que chamaremos aqui de processo de estudantificação. Este último processo tem recebido pouca atenção da Geografia urbana brasileira e, portanto, mostra-se como um amplo terreno desconhecido, esperando ainda para ser compreendido.

Além dos processos listados acima, Corrêa (2004) diferencia também os processos espaciais de centralização e descentralização, segregação, coesão, dinâmica espacial da segregação e inércia, sempre correlacionando tais processos e suas formas resultantes.

Assim, a centralização teria como resultado áreas centrais, a segregação e áreas residenciais socialmente divididas.

A estudantificação pode ser encarada como um processo espacial, cujo resultado são áreas com alta concentração habitacional de estudantes universitários no interior das cidades. Nessas áreas, é possível identificar a centralização e a descentralização, assim como a dinâmica espacial da coesão, que é, no fundo, o que dá origem às áreas centrais. Contudo, ainda que possa se relacionar a vários dos processos apresentados e já amplamente documentados na literatura, a estudantificação guarda, em relação a eles, suas especificidades.

Assim, como há uma carência de estudos com este enfoque no Brasil, busca-se, aqui, definir conceitualmente o que é estudantificação e o que é cidade universitária no contexto brasileiro, a partir das contribuições de autores de língua inglesa, como Anderson (2006), Gumprecht (2003), Kinton (2013), Moore (2016) e Smith (2004), que, ao longo das últimas duas décadas, conduziram pesquisas sobre estudantificação e cidades universitárias nos Estados Unidos e no Reino Unido e cujo aporte teórico fundamentou pesquisas desenvolvidas em locais tão diversos como África do Sul, Eslováquia, Filipinas e Malásia, que, assim como o Brasil, testemunharam processos de expansão do ensino superior, a partir do início do século XXI (Lima, 2023).

No que se segue, apresenta-se os aspectos metodológicos da pesquisa que serviu de base para este texto, bem como seus resultados, primeiro teóricos e depois os referentes ao estudo empírico na cidade de Dourados-MS, quando se dará destaque ao processo de estudantificação que deu forma a uma área da cidade, onde se concentrou a oferta de moradias, de comércio, serviços e de toda uma vida noturna que tem no público estudantil seu principal mercado consumidor. A partir dos estudos conduzidos na cidade de Dourados e à luz do referencial teórico, conclui-se que estamos diante de uma cidade universitária, seja pela ampliação nos últimos anos da oferta de Educação Superior, que atraiu estudantes universitários de todo o país, seja, sobretudo, pelo processo de estudantificação de uma área da cidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que precedeu a redação do presente artigo iniciou-se com um levantamento bibliográfico sobre processos de produção do espaço urbano, processos de estudantificação, aspectos qualificadores de cidades universitárias, economia da vida noturna e práticas de sociabilidade juvenis. O levantamento bibliográfico foi realizado – sobretudo – em plataformas digitais, como Google Scholar, Academia.edu, Scribd, SlideShare e repositórios institucionais.

No processo de levantamento bibliográfico foram utilizadas palavras-chave, como “espaço urbano”, “centralidade”, “cidade universitária”, “lazer noturno”, “college town”, “university town”, “studentification” e “student housing”.

Após o levantamento bibliográfico e a leitura das produções de maior relevância, foram realizados fichamentos, buscando estabelecer de forma crítica um encadeamento teórico que subsidiasse a redação final do presente artigo.

Foram realizadas, também, pesquisas de campo, objetivando a observação das particularidades que envolvem o processo de estudantificação e a constituição de cidades universitárias. As pesquisas de campo ocorreram nos anos de 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022 em Dourados. Nesse sentido, deve ser salientado que pesquisas de campo são utilizadas de maneira extensiva em pesquisas qualitativas no escopo da Geografia, pois permitem contato sensível entre pesquisador e objeto e sujeitos de pesquisa (Alentejano; Rocha-Leão, 2006; Lakatos, 2003; Zusman, 2011). As observações oriundas das pesquisas de campo foram sistematicamente registradas em um diário de campo, que Winkin (1998) e Spink (2003) definem como essencial para que observações não se percam e seja possível realizar uma leitura posterior, a partir da qual é possível realizar uma interpretação aprofundada e minuciosa.

Mais além, durante as pesquisas de campo, foram conduzidas entrevistas com jovens estudantes universitários moradores de uma área estudantificada. As entrevistas foram registradas em áudio com um smartphone e optou-se por conduzi-las de maneira anônima, visando resguardar a identidade dos entrevistados. Foram entrevistados 14 estudantes de ambos os sexos e com idades entre 18 e 26 anos, matriculados em IES públicas e privadas e detentores de diferentes poderes econômicos. Por fim, por meio do software ArcGIS, foram elaboradas representações cartográficas, com fins de contextualização da área que foi investigada.

EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR E CIDADES UNIVERSITÁRIAS

Ao longo das últimas duas décadas, ocorreu amplo processo de expansão do ensino superior no Brasil. O quantitativo de IES cresceu exponencialmente e o quantitativo de estudantes universitários mais que dobrou. Conforme dados do INEP (2023), atualmente existem no país mais de 2 mil IES nas quais há 9.443.597 estudantes matriculados (Quadro 1).

Conforme Lima (2023), no rastro da expansão do ensino superior no país, diversas cidades interioranas adquiriram características de cidade universitária, com algumas áreas dessas cidades testemunhando processos de estudantificação. Nessas cidades surgiram

circuitos de lazer universitário que marcam a constituição de toda uma cultura universitária, que se faz a partir de referências globais tramadas localmente. Todo este processo tem sido uma grande novidade em algumas cidades pequenas e médias brasileiras, que passaram a ter seu cotidiano transformado pela presença ostensiva destes “forasteiros”.

Quadro 1 – Total de matrículas no Ensino Superior no Brasil (2004-2022)

ANO	TOTAL DE MATRÍCULAS NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL
2004	4.223.344
2006	4.883.852
2008	5.808.017
2010	6.379.299
2012	7.037.688
2014	7.828.013
2016	8.048.701
2018	8.450.755
2020	8.680.354
2022	9.443.597

Fonte: INEP (2023).

Nos Estados Unidos e no Reino Unido, o amplo processo de criação de IES, testemunhado ao longo do século XX, favoreceu o estabelecimento de diversas *college towns*, isso é, cidades universitárias, definidas dessa maneira em razão da concentração de IES e de estudantes universitários. O impacto nas economias locais foi significativo, na medida em que, por vezes, estudantes universitários passaram a representar o principal público consumidor dos serviços e comércio nessas cidades (Anderson, 2006; Gumprecht, 2008; Lima, 2023; Moore, 2016). A nova dinâmica decorrente do influxo de jovens estudantes universitários, chegados de diversos outros lugares, representou uma injeção de recursos que suscitou a organização de capitais locais e segmentos do mercado imobiliário e atraiu, em alguns casos, inclusive, investimentos externos, como franquias de diversas naturezas, reorganizando internamente o espaço dessas cidades, que passaram a receber o qualificativo de universitárias.

Nesse prisma, ainda que pareça óbvio, nunca é demais dizer que o processo de estudantificação não ocorre, ou ocorreu, em todas as cidades que receberam IES (e esta é uma das especificidades deste processo espacial), na medida em que a presença de estudantes universitários não se destaca de maneira relevante no conjunto da cidade. Portanto, deve-se compreender que são cidades universitárias aquelas nas quais encontra-se instalada uma ou mais IES com ampla oferta de cursos de graduação e pós-graduação, que atraem fluxos migratórios de estudantes universitários que deixam seus locais de origem para viver na cidade onde está localizada a IES, durante o período necessário para concluir o curso em que se matricularam e cuja presença tem poder estruturador no espaço e no

cotidiano da cidade. Sob essa perspectiva, deve ser salientado que esses fluxos migratórios se renovam a cada novo vestibular e formatura e, portanto, nunca cessam. Enquanto há estudantes chegando, há outros partindo (Anderson, 2006; Gumprecht, 2008; Lima, 2023; McGrail, 2013; Smith, 2004).

Nessas cidades, em áreas específicas, geralmente próximas às instalações de IES, passou a ocorrer concentração habitacional de estudantes universitários e de serviços e comércio diversos para suprir suas demandas, como no bairro de Cobbham, Athens, Georgia, Estados Unidos – conforme observado por Gumprecht (2008) – e no bairro de Cathays, Cardiff, País de Gales – conforme observado por Anderson (2006) –, locais onde a quantidade de imóveis alugados por estudantes universitários é significativa, assim como a quantidade de serviços e comércio que visam atender suas demandas.

A movimentação econômica advinda da presença dos estudantes universitários é tão significativa, que Gumprecht (2008) aponta ser comum que proprietários e gestores de serviços e comércio localizados em áreas estudantificadas dispensem temporariamente seus funcionários durante os períodos de recesso das IES, tendo em vista a diminuição de movimento e queda de faturamento, o que torna desnecessário manter todos os funcionários a postos.

Como já deve ter ficado claro, a presença de várias IES e o quantitativo elevado de estudantes universitários em uma cidade não são fatores suficientes para que se possa definir tal cidade como cidade universitária *de facto*. É preciso considerar o peso que a população universitária tem no contexto da cidade, tanto em termos de percentual em relação à população local, quanto sua participação na dinamização da economia da cidade como um todo.

Nesse sentido, Gumprecht (2003) e McGrail (2013) elucidam que há cidades que apresentam concentração de IES e estudantes universitários, mas que possuem outros elementos mais definidores. A cidade de Nova Iorque, por exemplo, atrai estudantes universitários do mundo todo para suas renomadas IES, mas sua característica definidora principal é ser um centro de negócios e decisões políticas do mundo, pois estão instaladas na cidade as sedes ou amplas bases operacionais de grandes conglomerados empresariais transnacionais – simbolizados por Wall Street e pelos arranha-céus de *downtown* Manhattan – e da Organização das Nações Unidas.

Segundo Lima (2023), o mesmo pode ser dito para os casos de São Paulo e do Rio de Janeiro, só para ficar nestes dois exemplos, pois são as cidades que possuem as maiores e mais renomadas IES do país, mas cuja dimensão metropolitana, o papel na rede urbana e a presença de uma pluralidade de conglomerados empresariais nacionais e transnacionais

fazem com que a concentração de população universitária seja um dado pouco relevante no conjunto da cidade em sua totalidade.

Assim, entende-se que as cidades universitárias são cidades nas quais a economia é movimentada de maneira relevante por meio de segmentos de serviços e comércio que, mercadologicamente, têm como público-alvo os estudantes universitários e dos quais dependem – majoritariamente – para obter lucro e manter suas operações. Ao mesmo tempo, a presença de jovens universitários no cotidiano da cidade tem certa visibilidade pública. As cidades universitárias são, por assim dizer, cidades em que a concentração de população universitária não passa despercebida (Gumprecht, 2008; Kinton, 2013; Lima, 2023). Durante os períodos letivos, os estudantes podem ser avistados facilmente na paisagem urbana e nos períodos de recesso acadêmico sua presença diminui drasticamente, tendo em vista que muitos retornam para suas cidades de origem.

Como já deve ter sido possível notar, há uma questão da dimensão da cidade na definição de cidade universitária. Dificilmente poderia ser identificada com uma metrópole. Assim, cidades universitárias são aquelas que, cumpridos os requisitos da grande presença de IES e de uma significativa (embora rotativa) população universitária no conjunto da sua população total, com peso significativo no seu cotidiano e na sua economia, localizam-se fora de regiões metropolitanas. São, assim, cidades interioranas e, via de regra, cidades médias, ou seja, aquelas cidades que desempenham papéis de intermediação na rede urbana, que se localizam a certa distância de cidades de igual ou maior importância e que mantêm interações espaciais com cidades pequenas próximas, a partir do que oferecem em termos de comércio e serviços públicos e privados. A presença de oferta concentrada de Educação Superior só vem reforçar esta posição e papel na rede urbana. Nesse sentido, Gumprecht (2003) e Kinton (2013) sustentam que em cidades universitárias, o setor terciário invariavelmente é o de maior relevância.

Observa-se, também que, em cidades universitárias, atividades e eventos culturais/de lazer – muitos dos quais inseridos na economia da vida noturna – tendem a seguir os calendários letivos das IES. Em decorrência do ajuntamento de estudantes universitários, vivendo um cotidiano específico entre moradias, estudos, mobilidade no espaço urbano e tempo livre, estabelece-se também nessas cidades uma “cultura universitária”, que é, em si, marcadamente juvenil, articulando espaços, tempos e práticas de sociabilidade com rotinas e práticas de estudo e, em alguns casos também de trabalho, já que não é raro que alguns estudantes migrantes precisem também engajar-se no mercado de trabalho local para custear sua permanência na cidade, enquanto estudantes, ou seja, trabalham para estudar e estudam para futuramente trabalhar.

Dessa forma, entende-se – sob a perspectiva de Gumprecht (2008) e Lima (2023) – que as cidades universitárias se diferenciam de cidades não universitárias também em razão da visibilidade pública no seu cotidiano de jovens universitários circulando, consumindo e se divertindo, no mais das vezes em grupos e ostentando signos que os vinculam à IES e, mais especificamente, ao curso que seguem, por meio de itens de vestuário adornados com os nomes das IES e cursos (especialmente se o curso conferir algum status ao estudante, do ponto de vista do seu “capital simbólico”). Isto não significa que em cidades grandes e metrópoles não seja possível essa visibilidade, mas a visibilidade não se estende ao conjunto da cidade, limitando-se ao entorno da própria IES.

Entende-se, dessa forma que, em uma cidade média, um evento estudantil impacta na sua totalidade. Nada similar pode ser encontrado em regiões metropolitanas, em que a população estudantil se dispersa no conjunto, ainda que nelas também seja possível reconhecer processos de estudantificação, como o que se apresentará aqui.

Como processo espacial, a estudantificação, cujo resultado, no plano da forma, são bairros/áreas estudantis, demanda para sua compreensão o acionamento da proposição de Santos (1985), para quem forma, função, processo e estrutura são parte do método geográfico para a leitura do espaço. Forma remete aos aspectos visíveis do real, como a área que passa por processo de estudantificação, possível de ser apreendida pelo olhar e sobre a qual se pode realizar uma descrição. Liga-se diretamente à função, uma vez que seu uso indica a que serve, embora o uso possa mudar, já que é mais dinâmico que as formas, que carregam o peso das rugosidades que se fazem presentes (Corrêa, 2016; Haesbaert, 2013; Santos, 1985).

Nesse sentido, Santos (1985) afirma que as formas atuam e ganham sentido no presente, mas portam em si testemunhos de tempos pretéritos, de onde se pode reconhecer as antigas funções e mesmo os processos pelos quais elas vieram a existir. Todo este movimento ocorre no contexto de uma estrutura, que é a própria sociedade, sua economia, cultura e política. O processo indica que forma, função e estrutura estão em permanente movimento. Assim, as formas vêm do passado, com funções que as justificam e que mudam, e apontam para o futuro.

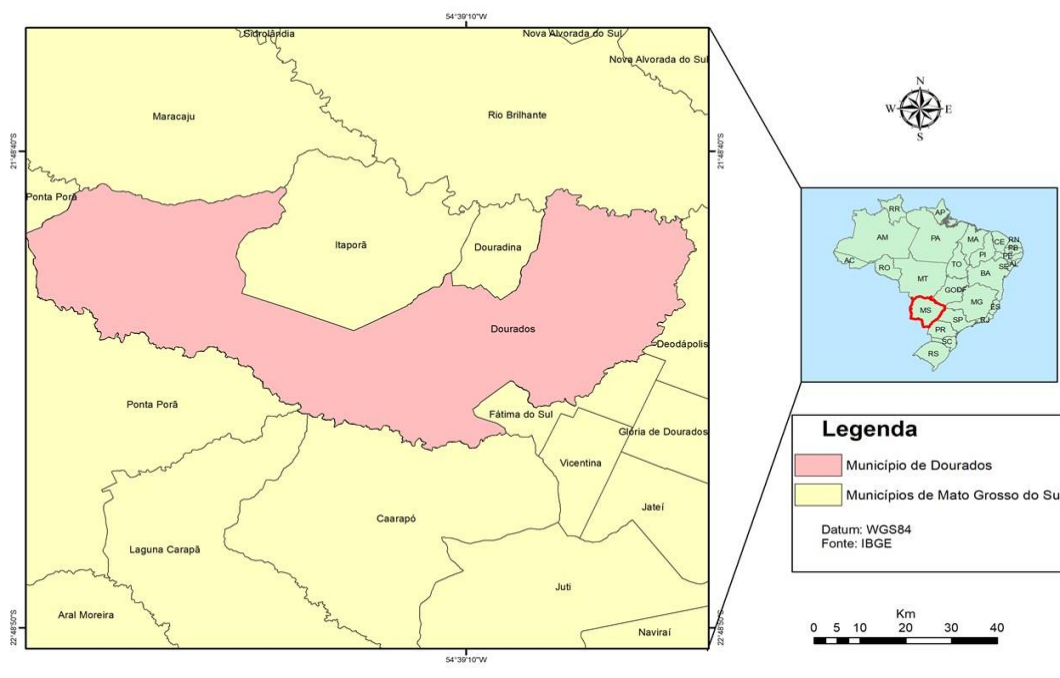
Dessa maneira, embora o enfoque deste texto esteja em reconhecer um processo espacial específico – a estudantificação – não se pode desconsiderar as demais categorias – forma, função e estrutura – sob pena de se realizar uma interpretação descontextualizada em vista do emaranhado de relações que produzem o espaço urbano e o colocam permanentemente em movimento. O processo espacial, portanto, não se compreende isoladamente, sem a forma que resulta, sem a função que dá sentido à forma e sem a

estrutura dentro da qual opera. Tem-se, assim: forma e estrutura atreladas à função são inseparáveis umas das outras.

DOURADOS COMO CIDADE UNIVERSITÁRIA

Dourados (Figura 1) é uma cidade média, com população de aproximadamente 240 mil habitantes, dos quais mais de 92% residem na área urbana. Dentre os 79 municípios de Mato Grosso do Sul, Dourados ocupa a segunda posição em termos populacionais. Somente a capital do estado – Campo Grande – é mais populosa. A área de influência de Dourados estende-se pela porção sul do estado, conferindo-lhe característica de centralidade em uma região intermediária de 66 mil quilômetros quadrados, composta por 34 municípios, onde vivem cerca de 900 mil pessoas (IBGE, 2023).

Figura 1 – Localização de Dourados, Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pelos autores.

Historicamente, o papel de centralidade regional de Dourados foi exercido por atividades relacionadas à cadeia produtiva agrícola, que remonta ao final do século XIX e que foi reforçado a partir da *Marcha Para o Oeste* e da criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND – em 1943. Esse panorama, entretanto, passou por mudanças a partir da década de 1970, quando a maior parte da população do município passou a viver na zona urbana e não mais na zona rural. A expansão urbana de Dourados, paulatinamente, favoreceu as condições para instalação de serviços e comércio até então inexistentes e, portanto, as

atividades relacionadas à cadeia de produção agrícola testemunharam a diminuição de sua relevância econômica (Benfica, 2016; Gomes; Calixto, 2020; Lima, 2023; Naglis, 2014).

No início do século XXI, o setor terciário tornou-se dominante na economia do município. Deve-se esclarecer, porém, que tal situação não significa que as atividades agrícolas tenham sido extintas. Pelo contrário, as atividades agrícolas – em consonância com a tecnificação do espaço – expandiram-se, mas os serviços e comércio urbanos expandiram-se de tal maneira, que se tornaram a matriz econômica dominante, inclusive para atender a moderna produção do campo (Gomes; Calixto, 2020; Lima, 2020; Mato Grosso do Sul, 2021; Três Lagoas, 2023).

Em Dourados, além de diversos segmentos de comércio especializado, está localizado o único shopping center da região intermediária de Dourados, e há concentração de serviços médicos/hospitalares e, principalmente, de serviços educacionais ofertados por duas IES públicas (Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS) e duas IES privadas (UNIGRAN e Faculdade Anhanguera de Dourados – FAD) que, somadas, possuem cerca de 25 mil estudantes matriculados, o que representa cerca de 10% da população total do município (Benfica, 2016; Lima, 2020; Moreno, 2013). Se a este contingente estudantil for somado também o corpo técnico e administrativo e o corpo docente das IES, a população que compõe a “comunidade universitária” é ainda maior, com impacto nos diversos setores da economia local.

No que se refere às principais IES instaladas na cidade – UFGD, UEMS, UNIGRAN e FAD – encontram-se listados no Quadro 2 o quantitativo de cursos de graduação e pós-graduação presenciais ofertados por cada uma delas.

Quadro 2 – Cursos de graduação e pós-graduação ofertados pelas principais IES de Dourados

IES	CURSOS DE GRADUAÇÃO (PRESENCIAIS)	CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO (PRESENCIAIS)
UFGD	37	29
FAD	26	1
UNIGRAN	25	12
UEMS	16	6
TOTAL	104	48

Fonte: Lima (2023).

Conforme consta no Quadro 2, é possível observar que em Dourados são ofertados 104 cursos de graduação e 48 de pós-graduação presenciais nas principais IES da cidade. O quantitativo é bastante relevante, considerando que se trata de uma cidade média interiorana. Estes traços que passam a marcar a cidade de Dourados, oferta de Educação Superior e grande presença de estudantes universitários (10% da população total) são significativos para

qualificar Dourados como cidade universitária. O que está exposto na sequência reforça esta ideia, pois revela como tais traços estruturam seu cotidiano e seu espaço urbano.

ESTUDANTIFICAÇÃO EM DOURADOS

Elucidada a definição de cidade universitária e após uma breve introdução à concepção de estudantificação, primordialmente, a partir de Gumprecht (2003) e Smith (2004), nessa seção tem-se um aprofundamento teórico sobre o processo de estudantificação, em articulação com a análise desse processo em Dourados.

Os jovens estudantes universitários que, todos os anos, chegam à Dourados para estudar estabelecem moradia em locais diversos da cidade, de acordo com suas condições econômicas, todavia, conforme foi possível aferir ao longo da pesquisa que originou o presente artigo, há uma concentração habitacional desses jovens estudantes universitários migrantes em uma área específica da cidade, que pode ser entendida como uma área estudantificada, ou seja, a forma urbana resultante do processo de estudantificação.

Localizada na zona noroeste da cidade, a área passou a concentrar um quantitativo tão significativo de estudantes universitários, desde o início do século XXI, que é comum testemunhar cidadãos referirem-se à área como “região universitária” (Lima, 2020). Nesse sentido, com intuito de designar a referida área, utiliza-se, no presente artigo, o termo Área de Concentração Habitacional de Universitários (ACHU). A ACHU é composta por 21 bairros: BNH I Plano, Jardim Bara, Jardim da Figueira, Jardim Faculdade, Jardim Girassol, Jardim Itaipu, Jardim Pilau, Jardim Tropical, Jardim Universitário, Jardim Valéria, Jardim Zeina, Parque Alvorada, Residencial Ipacaray, Vila Alvorada, Vila Aurora, Vila Delfus, Vila Matos, Vila Progresso, Vila Rui Barbosa, Vila São José e Vila São Luiz.

No que se refere ao influxo de jovens estudantes universitários migrantes em uma área urbana específica, deve-se salientar que tal processo tem como um de seus principais agentes o mercado imobiliário. Frequentemente, ocorre especulação imobiliária, pois os valores dos aluguéis tendem a se elevar e novos imóveis são construídos para servir de moradia para os jovens estudantes universitários migrantes em espaços onde, anteriormente, havia habitações unifamiliares. Nessa perspectiva, pode-se observar que é comum a presença de imobiliárias que têm como atividade principal alugar imóveis para estudantes migrantes, tornando-se, assim, dependentes do fluxo contínuo de estudantes para a cidade (Lima, 2020). Vê-se, portanto, um setor do mercado imobiliário que se especializa em moradia estudantil e direciona os novos moradores para as áreas sob seu controle.

Conforme Mosey (2017), o processo de estudantificação, inexoravelmente, é inerente à presença de *Houses of Multiple Occupation* (HMO), que o referido autor define como imóveis alugados por pelo menos três pessoas, que não possuem laços familiares ou de amizade

precedentes, mas, por questão de conveniência – localização/economia – compartilham as instalações essenciais do imóvel, como cozinha e banheiro.

No Brasil, tal forma de moradia estudantil recebe tradicionalmente o nome de república. E tal como na descrição de Mosey (2017), as repúblicas são constituídas por jovens estudantes, que dividem despesas como aluguel, água, luz e internet. Os moradores de repúblicas geralmente não possuem laços de parentesco e se conhecem durante o curso ou em suas deambulações no meio universitário. Não raro, numa república moram estudantes de ambos os sexos e de diferentes cursos de graduação e pós-graduação de IES diferentes. Conforme Malta (2010) e Lima (2023), nas repúblicas, os estudantes compartilham não apenas os espaços de uso comum, mas também, frequentemente, o dormitório.

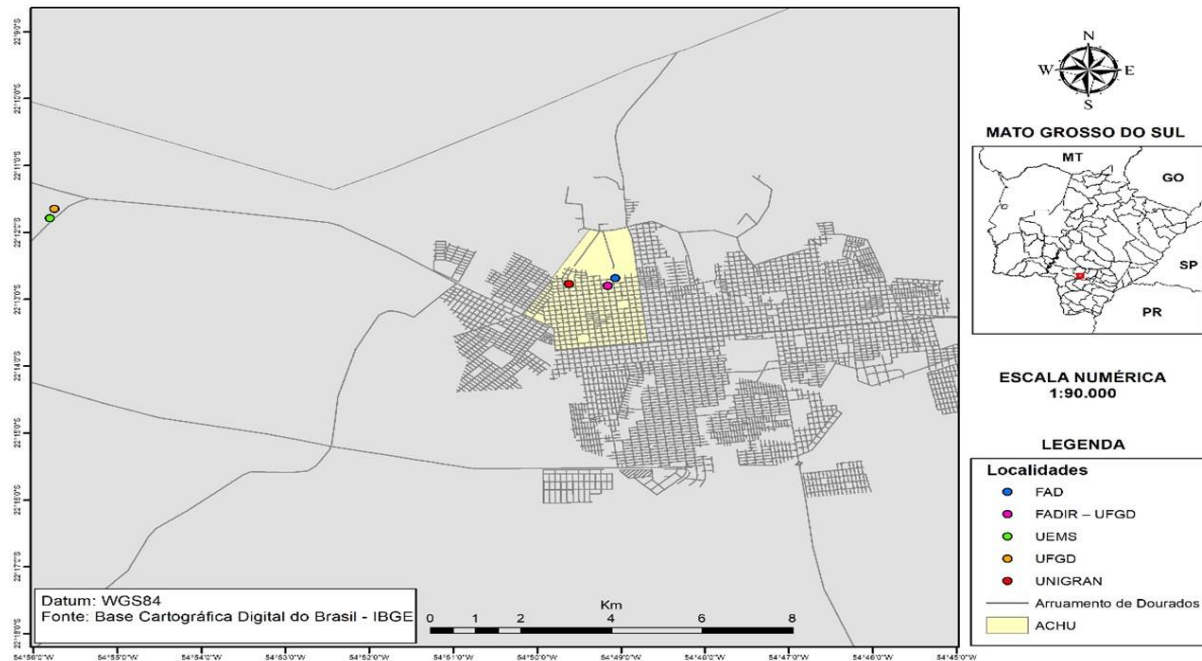
Tendo em vista que a estudantificação é um processo que envolve transformações nos âmbitos cultural, social, econômico e físico, em áreas estudantificadas ocorre o deslocamento de residências familiares, conforme observado por Kinton (2013). Isso é, famílias que, há muito tempo, habitavam as áreas que passam por processos de estudantificação mudam-se para outros locais das cidades, por vezes, visando ganho econômico advindo da venda ou aluguel do imóvel quando são proprietárias; outras vezes em razão do valor crescente do aluguel, que se torna proibitivo para aqueles que não são proprietários. Também é comum que as famílias se mudem por não conseguirem conviver com os barulhos, as festas e outras importunações desencadeadas pela população de estudantes universitários. Nos locais onde as famílias moravam são desenvolvidos novos empreendimentos imobiliários, agora voltados para o público estudantil.

Kinton (2013) salienta que esses empreendimentos mercadologicamente direcionados aos jovens estudantes universitários desencadeiam processos de adensamento urbano e frequentemente de verticalização, pois os agentes estudantificadores buscam extrair o máximo de renda da terra. Dessa forma, no local onde havia uma casa de piso único, pode ser construído um edifício de vários pisos.

Na ACHU de Dourados, estão localizados dois *campi* de IES privadas (UNIGRAN e FAD) e as instalações de uma das faculdades da UFGD, a Faculdade de Direito e Relações Internacionais – FADIR. A localização das referidas IES na ACHU possibilita que os jovens estudantes universitários migrantes, matriculados nessas IES e que moram na ACHU, tenham acesso facilitado aos seus locais de aula, bem como à uma ampla gama de serviços e comércio à distância de uma curta caminhada (Lima, 2020). Além disso, esta porção da cidade é também a “porta de saída” para as duas IES públicas de Dourados (UEMS e UFGD), localizadas no extremo oeste da cidade, em total descontinuidade em relação ao tecido urbano anterior, o que indica que são potentes os vetores de expansão urbana naquela

direção. Na Figura 2 é possível observar a localização de UNIGRAN, FAD, FADIR, UEMS e UFGD.

Figura 2 – Localização de IES em Dourados



Fonte: Lima (2023).

Assim, observa-se a reprodução na cidade de Dourados da mesma lógica de produção da cidade capitalista – apontada por Lefebvre (1975), Harvey (2012) e Santos (1985) –, em que empreendimentos urbanos de grande porte, sejam públicos ou privados, tendem a impactar no preço diferencial dos imóveis do entorno e terminam por promover, numa ação coordenada pelo mercado imobiliário, mudança do conteúdo social de áreas ou a ocupação de vazios urbanos. Dessa forma, se evidencia que a estrutura orienta o processo espacial, cuja forma e função vão demarcar a especificidade estudantil de uma área na cidade de Dourados.

Na ACHU, estão instaladas imobiliárias, lojas de conveniência, mercearias, pizzarias, quitandas, frutarias, marmitarias, ervaterias (estabelecimentos especializados no comércio de erva mate para o preparo de tereré, que é uma bebida muito apreciada no Centro-Oeste do Brasil), academias, clínicas de estética, salões de beleza, barbearias, farmácias, supermercados, mercados, restaurantes, bares, tabacarias, lanchonetes, consultórios médicos e odontológicos, hospitais, postos de combustível, copiadoras, papelarias (Lima, 2023), enfim, uma infinidade de comércio e serviços cuja implantação tem relação com a concentração de jovens estudantes universitários, embora possam atender a um público mais diversificado que ainda continua habitando a área.

É sintomático, portanto, que alguns serviços e comércios localizados na ACHU de Dourados façam referência ao meio universitário em seus próprios nomes, como: *Autoposto Universitário*, *Empório Universitário Conveniência e Tabacaria*, *Mercearia Universitária*, *Pizzaria Universidade da Pizza* e *Tabacaria Arcanjus Universitária*.

Como é possível observar na Figura 2, a UEMS e o *campus* principal da UFGD estão localizados a cerca de 15 quilômetros da ACHU. Todavia, para seus estudantes, morar na ACHU tem suas vantagens, pois estão o mais perto possível do seu local de aula, com acesso facilitado, em comparação com outras áreas da cidade, por meio de transporte coletivo, já que o itinerário das linhas de ônibus que partem do terminal central de Dourados e cujos destinos finais são a UEMS e o *campus* principal da UFGD cruzam ruas da ACHU. Além disso, morar na ACHU lhes garante acesso não só ao comércio e serviços que são voltados ao público estudantil, mas também a toda uma cultura universitária presente na vida da ACHU, que relega à área uma ambiência singular no espaço urbano.

Esta organização espacial da vida universitária na cidade, entre área estudantificada e *campi* distantes fez com que se desenvolvesse em Dourados a peculiar cultura da carona, apontada por Gumprecht (2008) como típica de cidades universitárias. Trata-se de uma estratégia de mobilidade urbana já estabelecida e reconhecida pelos cidadãos, em vista dos problemas decorrentes do transporte coletivo local, como a insuficiência de ônibus para atender a demanda e/ou a superlotação.

Muitos estudantes universitários que moram na ACHU e possuem veículo próprio agrupam-se com outros que não possuem e lhes dão carona entre a ACHU e a UEMS e UFGD. Esses grupos são formados por meio de interações que podem ocorrer pessoalmente ou por redes sociais na internet. Os grupos são fixos, de certa forma institucionalizados, e o proprietário do veículo cobra dos “caroneiros” um valor mensal para custear o combustível, apanhando-os em locais combinados ou mesmo buscando-os em suas residências. Quando algum dos integrantes do grupo deixa de participar, surge uma vaga, que é preenchida por alguém que faz parte dos círculos sociais próximos de algum dos integrantes remanescentes e há situações em que a vaga é divulgada em redes sociais na internet, a partir de onde é encontrado o novo integrante.

Em Dourados, a carona no meio universitário ocorre também da seguinte maneira: no último ponto de ônibus localizado na ACHU, popularmente conhecido como “ponto da figueira”, no início da Avenida Guaicurus, que dá acesso à UEMS e à UFGD, concentram-se, diariamente, muitos estudantes, porém não com o objetivo de embarcar em um ônibus, mas sim de conseguir uma carona em algum veículo particular que por lá passe.

Em horários específicos – início da manhã, início da tarde e fim da tarde – os jovens estudantes da UEMS e da UFGD concentram-se no ponto da figueira e com um gesto simples

com a mão, apontando para o sentido desejado, esperam que algum motorista pare e lhes dê a carona desejada. Conforme Lima (2020), a prática é disseminada de tal maneira, que muitos motoristas que seguem rumo a UEMS e UFGD – em geral, professores, técnicos administrativos e estudantes que fazem o trajeto com seus veículos particulares – têm como esquema de ação estabelecido parar brevemente seus veículos para que os estudantes “caroneiros” embarquem rumo aos lugares de suas aulas.

ECONOMIA DA VIDA NOTURNA NA ACHU, DOURADOS

Partindo do fato de que a maior parte dos estudantes universitários são sujeitos jovens, não é surpresa que cidades universitárias e áreas estudantificadas testemunhem o estabelecimento de serviços e comércio diversos inseridos no que Shaw (2014), Liempt, Aalst e Schwanen (2015) definem como economia da vida noturna, isso é, serviços e comércio cujas atividades ocorrem no período noturno e são mercadologicamente relacionadas à práticas de sociabilidade e lazer apreciadas, predominantemente, por sujeitos jovens.

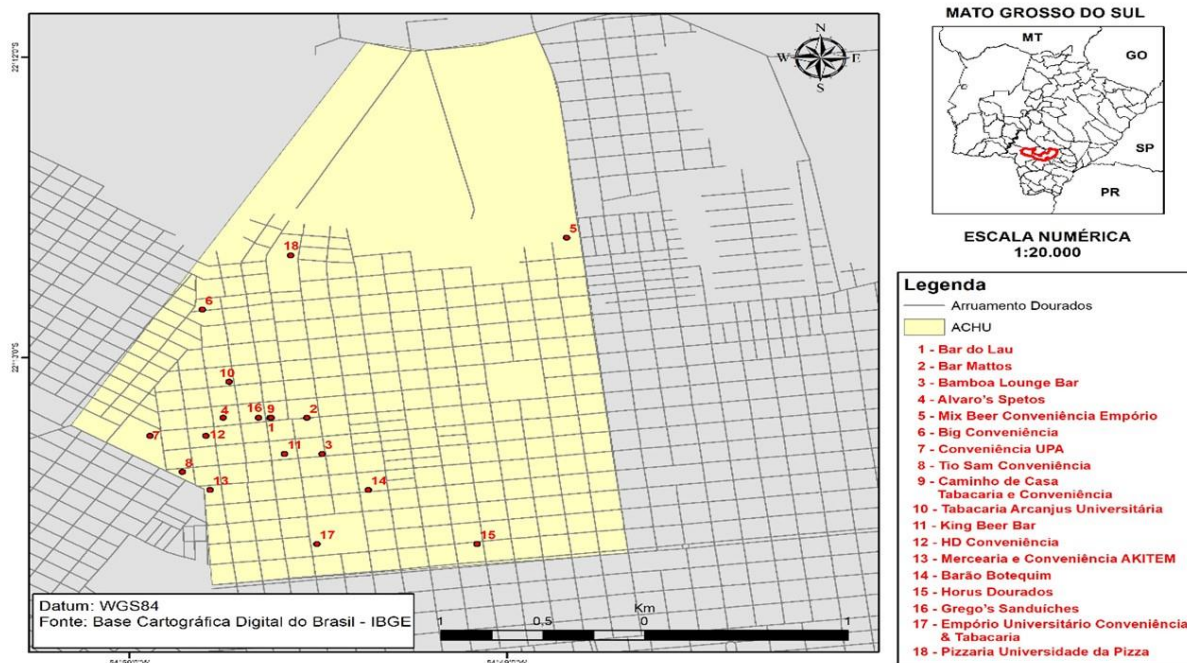
Nesse âmbito, é imprescindível esclarecer que entre sujeitos inseridos na faixa etária jovem, dentre os quais estudantes universitários, a noite, depois da aula, e especialmente os finais de semana à noite, são parte do tempo livre, em que podem se dedicar à sociabilidade, à diversão e realizar outros trânsitos e apropriações da cidade. No espaço-tempo da cidade-noite, os jovens apropriam-se de espaços diversos, em especial, espaços que compõem a economia da vida noturna (Hollands; Chatterton, 2003; Lima, 2021; Margulis, 1997; Turra Neto, 2017).

Nessa perspectiva, Liempt, Aalst e Schwanen (2015, p. 518) afirmam que durante a noite emerge uma cidade diferente da cidade diurna. Têm-se, assim, que a noite é um tempo propício à ocorrência de formas de lazer diversas e “[...] as pessoas se relacionam de maneira diferente, umas com as outras [...] pois o tempo noturno tem uma atmosfera mais relaxada e permissiva que a encontrada durante o dia” (tradução nossa). Margulis (1997) vai na mesma direção, contudo adverte que apesar de os jovens experimentarem certa liberdade entre os seus grupos de pares na vida noturna, esse tempo social tem sido gradativamente capturado pela oferta de serviços no mercado urbano, oferecendo sociabilidades formatadas e controladas.

Em Dourados, especificamente, no que se refere aos estabelecimentos inseridos na economia da vida noturna concentrados na ACHU e cujo público consumidor é composto majoritariamente por jovens estudantes universitários, destacam-se: bares, lojas de conveniência, lanchonetes, restaurantes e tabacarias (Lima, 2023). Na Figura 3, estão mapeados 18 estabelecimentos inseridos na economia da vida noturna e que são

assiduamente frequentados por jovens estudantes universitários das IES de Dourados, conforme constatado em pesquisa de campo.

Figura 3 – Estabelecimentos inseridos na economia da vida noturna localizados na ACHU



Fonte: Lima (2023).

A concentração de serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna na ACHU caracteriza o processo que Corrêa (2004) aponta como “magnetismo funcional”, próprio do processo de coesão no espaço urbano, no qual os estabelecimentos pertencentes a um mesmo segmento mercadológico têm o poder de atraírem-se mutuamente para implantarem-se numa mesma área da cidade, gerando uma economia de escala. Com isto, estabelece-se uma área da cidade, com características de área central, com poder de atração de sujeitos consumidores, no caso, os jovens estudantes universitários, o que acaba reforçando a atração de novos investimentos, que expandem os serviços e comércio e se beneficiam do fluxo constante de consumidores na área (Pereira, Turra Neto; Bernardes, 2019).

Observa-se, dessa maneira, processos espaciais de coesão, mas também de centralização, que se referem mais diretamente à concentração de comércio e serviços numa área da cidade. A especificidade de uma oferta direcionada para o público universitário, em paralelo à ação do mercado imobiliário que define esta área também como local de residência estudantil é o que promove o processo espacial de estudantificação que, assim, se realiza na dupla concentração espacial de moradia estudantil e estabelecimentos de consumo direcionados a este público, que envolvem tanto o consumo essencial cotidiano, até aquele da diversão noturna.

Deve-se salientar, todavia, que dado o fato que as opções de lazer noturno em Dourados não são tão diversas como em cidades grandes e metrópoles, aquelas que se encontram instaladas na ACHU atraem não somente jovens estudantes universitários moradores da área, mas também jovens estudantes universitários e não universitários de diferentes filiações sociais e culturais, moradores de outras áreas da cidade e mesmo de outras cidades próximas, com o intuito de desfrutar das opções de lazer noturno lá localizadas (Lima, 2023).

Vale lembrar que na ACHU residem estudantes universitários migrantes, que permanecem na cidade durante a graduação ou pós-graduação, mas esta é apenas uma parcela dos estudantes universitários da cidade, pois há aqueles que já residiam com suas famílias, nos mais diversos bairros, e que são naturais de Dourados e há aqueles, ainda, que residem nas cidades próximas, deslocando-se todos os dias para os estudos. Assim, o poder de atração da oferta de vida noturna universitária da ACHU se estende à cidade como um todo e mesmo à região, incorporando jovens não universitários em busca das alternativas de diversão juvenil na cidade (Lima, 2023). Isto faz com que a oferta de vida noturna na ACHU participe do conjunto de comércio e serviços que conferem à cidade de Dourados o qualificativo de cidade média.

Sob essa perspectiva, entende-se que em cidades médias como Dourados, a mistura social de sujeitos jovens de “diferentes filiações” ocorre em escala mais ampla que em cidades grandes e metrópoles, onde as opções de lazer noturno tendem a ser mais segmentadas e fragmentadas espacialmente (Turra Neto, 2017). Entretanto, a mistura social não ocorre de forma completa, afinal há barreiras simbólicas baseadas em aspectos de ordem identitária, que se relacionam com a inserção em diferentes grupos de referência e adoção de diferentes esquemas de ação, tema que infelizmente não poderá ser desenvolvido nos limites deste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, diante do amplo processo de expansão do ensino superior no país – ocorrido a partir de 2003 –, diversas cidades no interior do Brasil adquiriram características que lhes permitiriam ser qualificadas como cidades universitárias, isso é, passaram a concentrar IES e, conseqüentemente, população significativa de estudantes universitários, muitos dos quais migrantes, com real impacto no seu cotidiano e na estruturação do seu espaço urbano.

O processo de estudantificação, caracterizado tanto pela concentração habitacional de estudantes universitários, quanto de serviços e comércio, incluindo os de diversão noturna,

teve como resultado a criação ou adaptação de áreas urbanas inteiras que passaram a se diferenciar do restante da cidade como centros da vida universitária.

Atuam nesse processo tanto setores do mercado imobiliário e da construção civil locais, quanto pequenos e grandes capitais que identificam nos estudantes um nicho lucrativo para seus investimentos, como bares, restaurantes, copiadoras, lojas de conveniência, e tantos outros comércios e serviços que se implantam de forma coesa nos bairros estudantificados em busca da sinergia positiva da concentração.

O estabelecimento de cidades interioranas como cidades universitárias e os processos de estudantificação nelas ocorrido contribuíram para o incremento e mudanças nos perfis das economias locais, bem como em mudanças na demografia, em muitos casos reforçando o seu papel na rede urbana regional. Ao tratar de Dourados, uma cidade média localizada em um estado onde prevalecem atividades correlacionadas à cadeia produtiva agropecuária, a mudança torna-se mais evidente.

A presença visível e pública de estudantes no cotidiano da cidade, seu papel na diversificação da oferta de diversão noturna e na dinamização da economia local fazem com que seu impacto seja sentido no conjunto da cidade que, a partir de então, não pode mais ser pensada sem este segmento social. Essa condição é o que permite qualificá-la então como cidade universitária.

Os fatos observados não são exclusividade de Dourados. Certamente, muitas outras cidades no interior do país testemunham processos semelhantes. Todavia, diante da incipiência de estudos sobre cidades universitárias e mais especificamente sobre processos de estudantificação e áreas estudantificadas no Brasil contemporâneo, ainda é difícil fazer um diagnóstico mais amplo, que somente será possível a partir de novos estudos que sistematicamente analisem os processos de estudantificação e a constituição de cidades universitárias na rede urbana brasileira do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez da. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?.

Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, p. 51-68, maio 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/727?articlesBySimilarityPage=3>. Acesso em: 12 dez. 2020.

ANDERSON, Jon. **Cultural geography and space**. Cardiff: Cardiff University, 2006. (Estudo de Caso). Disponível em:

https://www.cardiff.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0003/348510/studentification.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

BENFICA, Tiago Alinor Hoissa. **História e universidade**: a institucionalização do campo histórico na Universidade Estadual de Mato Grosso/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1968-1990). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande

Dourados, Dourados, 2016. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/04/benfica-tese.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7317473&orden=0&info=link>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GOMES, Igor Ronyel Paredes; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. Da cidade média às cidades pequenas: articulações e relações entre Dourados e o sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul. *In*: CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; MORENO, Bruno Bomfim; BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora (org.). **O urbano em Mato Grosso do Sul: abordagens e leituras**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020. p. 13-43.

GUMPRECHT, Blake. **The american college town**. Boston: University of Massachusetts Press, 2008.

GUMPRECHT, Blake. The american college town. **Geographical Review**, New York, v. 93, n. 1, p. 51-80, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1931-0846.2003.tb00020.x>.

HAESBAERT, Rogério. De espaço e território, estrutura e processo. **Economía, Sociedad y Territorio**, Toluca, v. 13, n. 43, p. 805-815, 2013. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-84212013000300011. Acesso em: 12 dez. 2020.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas sociais**, São Paulo, n. 29, p. 73-89, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

HOLLANDS, Robert; CHATTERTON, Paul. Producing nightlife in the new urban entertainment economy: corporatization, branding and market segmentation. **International Journal of Urban and Regional Research**, Hoboken, v. 27, n. 2, p. 361-385, Ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1111/1468-2427.00453>.

IBGE. **Primeiros resultados de população do censo demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Populacao_e_domicilios_Primeiros_resultados/POP2022_Municipios_Primeiros_Resultados.pdf/. Acesso em: 18 ago. 2023.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da educação superior**. Brasília, DF: INEP, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 17 dez. 2023.

KINTON, Chloe. **Processes of destudentification and studentification in Loughborough**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Loughborough University, Loughborough, 2013. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2134/12668>. Acesso em: 12 dez. 2020.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henry. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1975.

LIEMPT, Ilse van; AALST, Irina Van; SCHWANEN, Tim. Introduction: geographies of the urban night. **Urban Studies**, Thousand Oaks, v. 52, n. 3, p. 407-421, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0042098014552933>.

LIMA, Matheus Guimarães. **Cultura do lazer universitário**: atléticas e festas open bar. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023. Disponível em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/9104490>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LIMA, Matheus Guimarães. Depois da aula, o rolê: a noite e o lazer de jovens universitários em Três Lagoas. *In*: TURRA NETO, Nécio (org.). **Geografias da noite**: exemplos de pesquisa no Brasil. São Paulo: EDUNESP, 2021. p. 89-134.

LIMA, Matheus Guimarães. Jovens estudantes migrantes em Dourados, Mato Grosso do Sul: etnografia comparativa. *In*: FABRINI, João Edmilson; MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Dari (org.). **A fronteira cruzada pela cultura e as relações sociais de produção**. Porto Alegre: Total Books, 2020. p. 17-44.

LIMONAD, Ester. Urbanização dispersa mais uma forma de expressão urbana?. **Formação (Online)**, Presidente Prudente, v. 1, n. 14, p. 31-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v1i14.705>.

MALTA, Eder. **Identidades e práticas culturais juvenis**: as repúblicas estudantis de Ouro Preto. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/6345>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MARGULIS, Mario. **La cultura de la noche**: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar - SEMAGRO. **Produto interno bruto municipal 2010 – 2019**. Campo Grande: SEMAGRO, 2021. Disponível em: <https://www.semadesc.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/PIB-Municipal-2010-2019.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MCGRAIL, Frederick J. Lehigh university and Bethlehem, Pennsylvania: partnering to transform a steel town into a college town. **Journal of Higher Education Outreach and Engagement**, Athens, v. 17, n. 3, p. 91-108, 2013. Disponível em: <https://openjournals.libs.uga.edu/jheoe/article/view/1056/1055>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOORE, Jordan Glynn. **Mississippi college towns**: assessing the geography of collegiate culture. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – University of Southern Mississippi, Hattiesburg, 2016. Disponível em: https://aquila.usm.edu/masters_theses/175. Acesso em: 18 ago. 2023.

MORENO, Bruno Bomfim. **A centralidade do ensino superior e o processo de redefinição socioespacial em Dourados-MS**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/786>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOSEY, Matthew. **Studentification**: the impact on residents of an english city. Oxford: Oxford Brookes University, 2017. Disponível em: <https://www.brookes.ac.uk/geoverse/originalpapers/studentification--the-impact-onresidents-of-an-english-city/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto**: os colonos da colônia agrícola nacional de Dourados – CAND (1943-1960). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.

PEREIRA, Marcelo Custódio; TURRA NETO, Nécio; BERNARDES, Antônio. Geografias da vida noturna: uma experiência de pesquisa. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 249-274, out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCS-v9n2-2019-56583>.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SHAW, Robert. Beyond night-time economy: affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, Amsterdam, v. 51, p. 87-95, Jan. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2013.10.005>.

SMITH, Darren Phillip. 'Studentification ication': the gentrification factory?. *In*: ATKINSON, Rowland; BRIDGE, Gary (org.). **Gentrification in a global context: the new urban colonialism**. Londres: Routledge, 2004. p. 73-90.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 51-62, ago. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4817>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TRÊS LAGOAS. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Turismo – SEDECT. **Boletim economia local**. Três Lagoas: SEDECT, 2023. Disponível em: https://www.treslagoas.ms.gov.br/wpcontent/uploads/2023/08/SEDECT_Boletim_Econ_Local_1_Sem_2023-1.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

TURRA NETO, Nécio. Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a geografia. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 31-41, set. 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/10599>. Acesso em: 18 ago. 2023.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998.

ZUSMAN, Perla. La tradición del trabajo de campo en geografía. **Geograficando**, La Plata, v. 7, n. 7, p. 15-32, 2011. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

Recebido: julho de 2024.
Aceito: setembro de 2024.